
ENUNCIACÃO

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

Correlações de forças: da confrontação a uma ruptura emancipatória

Correlations of Forces: From Confrontation to an Emancipatory Disruption

Sergio Luis do Nascimento*
Rogério Luís da Rocha Seixas**

Resumo: Diante da profunda desigualdade que se evidencia na conformação das estruturas nacionais, centrada principalmente nas questões das relações étnico-raciais, o presente trabalho têm como objetivo iluminar alguns aspectos ainda obscurecidos por um apagamento proposital de cunho racista por parte do corpo social e estratégias que corroboraram a valorização e construção de saberes embranquecidos, fortemente influenciados por uma cultura colonializada e que diz mais respeito a uma visão exterior de nosso país do que uma construção e valorização real das nossas raízes caracterizadas, por uma heterogeneidade de conhecimentos oriundos dos inúmeros povos e etnias da Diáspora Africana, estabelecendo uma correlação de forças, marcada pelo confronto da população negra inferiorizada e subalternizada, contra o racismo estrutural e cultural presente na sociedade brasileira, visando encontrar formas de ruptura emancipatória.

Palavras-chave: correlação de forças, racismo, relações étnico-raciais, ruptura emancipatória.

Abstract: *Given the profound inequality that is evidenced in the conformation of national structures, centered mainly on issues of ethnic-racial relations, the present work aims to illuminate some aspects still obscured by a deliberate erasure of a racist nature by the social body and strategies that corroborate the valorization and construction of whitened knowledge, strongly influenced by a culture colonialized and that is more about an external vision of our country than a real construction and valorization of our roots characterized by a heterogeneity of knowledge from the countless peoples and ethnic groups of the African Diaspora, establishing a correlation of forces, marked by the confrontation of inferior and subalternized black population,*

* Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1998), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2009) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2015). Atualmente é professor - Secretaria Estadual de Educação do Paraná e professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná-PUC/PR.

** Docente no curso de especialização em Direitos Humanos, Racismo e Saúde. DIHS/Fiocruz/Ensp. Pesquisador do Grupo Afrosin/UFRRJ.

against the structural and cultural racism present in Brazilian society, aiming to find forms of emancipatory rupture.

Keywords: *correlation of forces, racism, ethnic-racial relations, emancipatory rupture.*

Introdução

Ao longo das últimas décadas para as lideranças do movimento social negro a conquista da emancipação tem significado confrontação. Um exemplo dessa situação foi o discurso do ex-Primeiro-Ministro da República democrática do Congo Patricie Lumumba, ao confrontar o rei belga Balduino Alberto Carlos na cerimônia da Independência, celebrada em 30 junho de 1960. O herdeiro do rei Leopoldo II, ao discursar, havia exaltado as conquistas e o desenvolvimento que o tio-avô havia proporcionado à colônia na África, numa tentativa explícita de dissimular as atrocidades perpetradas durante os 76 anos de duração da colonização belga (1884-1960). Estima-se que 25 milhões de congolezes foram mortos e mutilados como resultados da repressão e dos trabalhos forçados¹. O rei belga Balduino, na cerimônia de Independência, ressaltou o papel civilizador no Congo e aconselhou que o estado congolês não fizesse reformas precipitadas e que as estruturas que os belgas haviam deixado não fossem substituídas. Patricie Lumumba retrucou e confrontou o rei belga e seus ministros lembrando-os das atrocidades e a longa luta pela independência do povo congolês nas décadas anteriores. Dirigindo-se ao colonizador e a sua tentativa de disfarçar os acontecimentos sócios históricos por parte do rei belga, Patricie Lumumba ressaltou a dignidade do povo congolês que, mesmo com as privações, os sofrimentos, e o sangue conseguiram dar fim à escravidão imposta à força pela Bélgica. Desconcertado, o rei belga Balduino retirou-se da cerimônia de Independência. A ação e atitude de Patricie Lumumba diante do colonizador são tomados como exemplo de ações e o pensamento da descolonização não só no plano geopolítico, mas também psicológico dos africanos colonizados e da diáspora africana, isto por que “o racismo e o colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele”², sendo que o racismo e a colonização são interligados e que tais processos são significativos para qualquer

¹ MOORE, C. *A África que incomoda*. Sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro. 2ª. edição ampliada. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

² FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 15.

pesquisador, ao tratar sobre relações raciais entre negros e brancos, que terá que confrontar com a abordagem no âmbito epistemológico e também ontológico.

Por que a consequência disso é ontológica e epistemológica? Porque muitas vezes ou quase sempre os pesquisadores que se defrontam com as questões das relações raciais precisam provar inicialmente a existência do racismo em nossa sociedade e, em segundo lugar, como o seu legado produz as assimetrias de formas explícitas e implícitas. Com isso, pretende-se ressignificar, dar visibilidade, identidade e anterioridade histórica a um grupo de indivíduos que são concebidos como não-ser. Quanto à questão epistemológica, os pesquisadores negros das relações raciais precisam transitar de objeto de pesquisa a sujeito pesquisador e provar que a importância de seu objeto de investigação – o racismo e seu legado como legitimador de desigualdades entre negros e brancos. Como destaca Fanon: “A construção do negro na situação Colonial passa pela negação tanto do seu estatuto ontológico quanto epistêmico”. Além de reagrupar os princípios, as hipóteses, os objetivos e as conclusões que a princípio todos os pesquisadores deveriam salientar em seu trabalho, há um trabalho extra nesse campo que é ressignificar e recuperar a contribuição da população negra como perspectiva de ruptura, de superação da infame que foi a escravidão racial. Destarte, o que esteve e está ocorrendo para os pesquisadores das relações raciais no Brasil é revelado por Frantz Fanon: “a luta contra o racismo antinegro não é, portanto, contra ser o Outro. É uma luta para *entrar* na dialética do Eu e Outro”³. Partindo da análise da Sociogenia, Fanon compreende que a construção do sujeito negro é um processo realizado dialeticamente entre a subjetividade e as ambiências sociais como o racismo e colonização⁴. A partir da luta de emancipação, *o Não-ser se constrói como ser-* processo histórico/materialista em um processo que envolve a descolonização do pensamento.

Quilombismo e Relações Étnico-Raciais

A trajetória dos estudos realizados pelos pesquisadores das relações raciais no Brasil se constituiu em demonstrar as desigualdades raciais no país e desmontar esse

³ FANON, F. Op. Cit., 2008, p. 16.

⁴ *Ibidem*, p. 28.

Correlações de forças: da confrontação a uma ruptura emancipatória

discurso público de convivência harmoniosa que busca determinar sentido e forma à brasilidade⁵. Claro que o olhar embranquecido e colonizado nos revela a fragilidade do nosso entendimento enquanto sociedade, que possui uma considerável inclinação de encobrir a sua realidade enquanto construto social ancorado num racismo estrutural e sistêmico, fomentado por séculos de escravização de pessoas negras, negando a real situação da população negra, segregada e excluída. Racismo estrutural, que como evidência Silvio Almeida, constitui-se enquanto um processo histórico, político e econômico, que molda subjetividades. Nesta condição, o mundo é compreendido por meio da ótica do racismo, que estabelece posições hierarquizadas de opressão para se sustentar⁶. O racismo estrutural perpassa todos os tipos de instituições, seja no campo das relações privadas ou públicas. Relações privadas no sentido da intimidade familiar, amigável, amorosa e pública no campo do trabalho, decisões jurídicas, acesso à saúde, educação, estâncias que o Estado exerça seu papel. Com isso, o cenário apresentado é de extrema desigualdade e violência generalizada por toda a sociedade, mas sentidas e vividas de modos bastante distintos. Contudo, os atores sociais negros insistem em não viver numa sociedade da imprevisibilidade, na qual ora irão ser tratados com cordialidade e ora sofrer atos e ações discriminatórios. E o que caracterizou e de certa forma caracteriza as lutas e conquistas dos movimentos sociais negros é superar essa tensão descrita por Bastide⁷ sobre a gama de preconceito que vai do máximo à ausência total.

A luta de Abdias do Nascimento em tornar a questão da consciência racial um discurso político e protagonizado por lideranças negras, que conduzissem sua própria história e seu próprio destino, sempre pautou suas ações. Encontramos no texto publicado em 1980, *O quilombismo*, muitas das proposições ontológicas e epistemológicas que incentivaram os diversos pesquisadores a suscitarem a questão da raça e o seu debate, seu alerta, suas críticas e suas atualizações para compreender como essa clivagem ainda estabelecia relações de dominação. Salientava Abdias do

⁵ SILVA, P. V. B. *Relações Raciais em livros Didáticos de Língua Portuguesa*. 228 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

⁶ ALMEIDA, S. L. de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Ed. Pólen, 2019, p. 39.

⁷ BASTIDE, Roger. "Manifestações do preconceito de cor". In: BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. *Branços e Negros em São Paulo*. Ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. 3ª edição. São Paulo: Nacional, 1971[1955].

Nascimento que era fácil o escapismo ou a dissimulação em “negar o fato inegável de que a servidão do cativo se assentava basicamente na raça dos escravizados, sem prejuízo de outros fatores decisivos”⁸. Mesmo os pesquisadores, cientistas, escritores e ideólogos que encamparam a luta antirracista não conseguiram romper com as imagens, os juízos de valores, definições inspiradas ou fornecidas pela sociedade dominante. A não ruptura e a difícil tarefa de compreender e confrontar essa “espinha dorsal psicossociocultural”⁹ está inserida na crítica a pesquisadores em relação à “ideologia do branqueamento”, à negação da contribuição dos africanos e seus descendentes da diáspora e à postura adotada por intelectuais das mais variadas correntes ideológicas que negam a existência da questão racial como elemento que participa na existência de problemas sociais¹⁰. Muito ao contrário, Abdias do Nascimento aponta para uma distorção no entendimento dos estudos sobre a cultura africana no que se refere a sua aceitação, atestando que “*essas culturas existem porque receberam franquias e consideração livre de preconceito étnico e cultural*”¹¹. Ao contrário do que se relata em muito desses estudos, ao chegarem no Brasil em navios negreiros, verificou-se na realidade um verdadeiro genocídio étnico e cultural que tem o seu marco no cruel rito de passagem, o batismo, pelo qual os negros eram submetidos nos portos africanos de embarque ou nos portos brasileiros de desembarque, despidos de suas crenças e identidades, forçados a se adaptarem a uma cultura estrangeira e uma religião ignorada.

Refutando estas concepções, o autor fez a proposta de construir um projeto coletivo, na edificação de uma sociedade fundada na justiça, na igualdade, na construção de uma democracia autêntica e acima de tudo na emancipação econômica e política, negando o mito da “democracia racial”. Para que isso acontecesse era necessário que essas transformações estivessem atreladas a uma radical transformação da estrutura sociopolítica-econômica. Ao resgatar os escritos de Abdias do Nascimento, encontramos uma proposição que alertava que “não temos interesse em propor uma adaptação ou reforma dos modelos da sociedade capitalistas”¹².

⁸ NASCIMENTO, A. “Quilombismo: na Afro-Brazilian political alternative”. *Journal of Black Studies*, vol. XI, Issue. 2, dezembro, 1980, p. 104.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ *Ibidem*, p. 41-42.

¹¹ *Ibidem*.

¹² NASCIMENTO, A. Op. Cit., 1980.

Correlações de forças: da confrontação a uma ruptura emancipatória

O grande desafio, que consistiu aos movimentos sociais negros ao longo dessas três últimas décadas permeadas de avanços e permanências, foi o de fazer frente à assimilação, de se aceitar como negro e de se afirmar culturalmente, moralmente, fisicamente e psiquicamente¹³. Fortalecer a identidade e os valores culturais dos africanos e de seus descendentes da diáspora esteve e está em constituir um conjunto de formas simbólicas e de representatividades que supere a dissimulação que desvia as reais causas de dominação e assimetrias entre negros e brancos e passa pela reconquista de si e de sua dignidade autônoma:

Era tempo de buscar outros caminhos. A situação do negro reclama uma ruptura, e não um compromisso. Ela passará pela revolta, compreendendo que a verdadeira solução dos problemas consiste não em macaquear o branco, mas em lutar para quebrar as barreiras sociais que o impedem de ingressar na categoria dos homens. Assiste-se agora a uma mudança de termos. Abandonada a assimilação, a liberação do negro deve efetuar-se pela reconquista de si e de uma dignidade autônoma. O esforço para alcançar o branco exigia total autorrejeição; negar o europeu será indispensável à retomada. É preciso desembaraçar-se dessa imagem acusatória e destruidora, atacar de frente a opressão, já que é impossível contorná-la¹⁴.

Os atores sociais negros construíram um campo de interação que se constituiu em um conjunto de trajetórias e em um espaço de posições diferenciado dentro de uma estrutura social caracterizada por assimetrias, diferenças e divisões. Nessa relação de confrontação, as regras e as convenções já estavam estruturadas e articuladas dentro de contextos sócio-históricos definidos¹⁵. Qualquer proposta de ruptura teria que confrontar a concepção de um país em que as relações raciais estavam concebidas dentro de um contexto harmonioso. O que os atores sociais negros fizeram nas quatro últimas décadas foi provocar a autorreflexão e a crítica à ideia de um país como “laboratório da civilização” ou como uma “democracia étnica”. Essas expressões cumpriram e de certa forma ainda cumprem o papel do principal legado do mito de fundação do Brasil e que durante décadas conseguiu manter um discurso público harmonioso e hegemônico, que estabeleceu na cordialidade e na hierarquia o mito das três raças que constituiriam a estrutura sócio-histórica brasileira: “o branco está sempre

¹³ MUNANGA, K. *Negritude: Usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 19.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ THOMPSON, J. B. *Ideologia e Cultura Moderna: Teoria Social na era dos Meios de Comunicação de Massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

Correlações de forças: da confrontação a uma ruptura emancipatória

unido e em cima, enquanto que o negro e o índio formam as duas pernas da nossa sociedade, estando sempre abaixo e sendo sistematicamente abrangidos pelo branco”¹⁶.

Os estudos de Edward Telles¹⁷ realizaram uma abordagem muito peculiar sobre a estrutura das relações raciais no Brasil nos seus eixos horizontal e vertical. O estudo tornou-se importante principalmente para a geração de pesquisadores pós-2010 por apresentar uma análise das relações raciais brasileiras “integradas” na qual o autor não privilegiou nem a miscigenação e nem as tensões raciais, mas incorporou esses dois campos na forma de estatística e discutindo-os na praticidade das vidas das pessoas. Isso está presente quando Telles problematiza sobre segregação residencial e casamentos inter-raciais ajudando os pesquisadores iniciantes a entender que “no Brasil, a raça é um conceito ambíguo, situacional, inconsistente e relacional. Coexistem vários sistemas de classificação. São várias as categorias situadas ao longo de um *continuum* que vai do branco ao preto”¹⁸. Passam pelas características fenotípicas, tais como cor de pele, tipo de cabelo, formato do nariz e lábios. Podemos verificar que o estudo das relações raciais no Brasil para os atores sociais negros atua em diferentes frentes que constata as desigualdades associadas e as relações entre os grupos de cor. Desigualdades que vão desde educação, a inclusão digital, mercado de trabalho, sustento e bem-estar, escolaridade e o acesso ao ensino superior tornando as explicações sobre as desigualdades entre negros e brancos uma gama ampla de fatores.

Racismo Cotidiano e Estereótipos do Negro

Os estudos sobre relações raciais no Brasil no que se refere às consequências do trato dos estereótipos em torno de um grupo étnico tem lidado com essas formas de preconceito, muitas vezes explícitas, às vezes sutis, às vezes implícitas, mas acima de tudo racistas. Deve-se considerar que ainda prevalecem tanto na sociedade ou nos meios de comunicação mecanismos da denegação, do recalque, do silêncio e da invisibilidade. O racismo não se reproduz na mídia por meio da afirmação aberta da inferioridade e da

¹⁶ DA MATTA, Roberto. Digressão: a fábula das três raças ou o problema do racismo à brasileira. In: DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 82.

¹⁷ TELLES. E. *Racismo à brasileira: uma perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Delume Dumará, 2003.

¹⁸ *Ibidem*, 127.

superioridade, por meio da racialização, ou de mecanismos explícitos de segregação. É importante estar atento a que o racismo não se exerce por normas e regulamentos diferentes no tratamento de brancos e negros e no tratamento de problemas que afetam a população afrodescendente. A complexa dinâmica de exclusão, invisibilização e silenciamento é híbrida e sutil, ainda que seja decididamente racista¹⁹.

Grada Kilomba destaca que: “o racismo cotidiano refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o *sujeito negro* e as *pessoas de cor*, como “Outra/o”, a diferença contra a qual o *sujeito branco* é medido”²⁰. Desta forma, o sujeito negro é personificado ou estereotipado como: “infantil, primitivo, incivilizado, animalizado e erotizado”²¹. Tal situação revela o quanto é difícil lidar com o racismo cotidiano em sociedades como a brasileira e com seus subterfúgios racistas, que obstruem a emancipação do sujeito negro, colocado em condição de inferioridade e subalternização. Mesmo diante dessas complexidades, os fenômenos se interseccionam, principalmente quando lidamos com representações, se o ambiente, seja ele familiar ou escolar, o tempo todo reforça e repete imagens que estereotipavam os valores culturais afro-brasileiros, possibilitando o apagamento epistemológico de raízes africana no contexto nacional brasileiro. Esta prática de silenciamento se converte, nesse caso, em uma via de autoafirmação branca e promovendo o epistemicídio negro. Assim, segundo Grada Kilomba: “No racismo, a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial”²², perpetuando inclusive uma práxis de violência física, mental e simbólica. Vamos encontrar na pesquisa de Marilu Márcia Campelo, numa escola estadual de Belém sobre o conhecimento de alunos (Ensino Médio), professores e gestores sobre a cultura e religiosidade afro-brasileira, as mesmas situações e consequências. Vejam o que a pesquisadora Marilu Marcia Campelo²³ descreve no seu relatório de pesquisa:

¹⁹ SILVA, P V. B; ROSEMBERG, F. Brasil: Lugares de negros e brancos na mídia. In: VAN DJJK, T. (org.). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11.

²⁰ KILOMBA, G. *Memórias da plantação* – Episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 78.

²¹ *Ibidem*, p. 79.

²² *Ibidem*, p. 80.

²³ CAMPELO, M. M. “Cultura, religiosidade afro-brasileira e educação forma no Pará – os valores culturais afro-brasileiro chegam às salas de aula?” In BRAGA, M L de S, SOUZA, E P, PINTO, A F M (Org). *Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação*

Outro fator que deve ser levado em consideração diz respeito ao fato de que a cultura e a religiosidade afro-brasileira ainda são tratadas pela mídia de forma carregada de imagens preconceituosas e estereótipos negativos pela sociedade mais ampla: ignorância; primitivismo; magia negra; malefícios; seus praticantes são malandros e/ou criminosos etc. Essas imagens levam os jovens negros a rejeitar os valores culturais afro-brasileiros (religião, padrão estético, oralidade e ancestralidade) como sendo negativos e irrelevantes na construção de sua identidade. Ainda se repetem estereótipos onde as imagens de homens e mulheres negras são consideradas exóticas e quase sempre descoladas de uma realidade. E quando essa realidade é exposta sobrevêm os altos índices de pobreza, de criminalidade da população negra e mestiça.

O trecho acima faz parte de uma pesquisa que ocorreu no segundo semestre de 2004 e no primeiro semestre de 2005 com um grupo de pesquisadores organizado pela coordenação Geral de Diversidade e Inclusão Educacional. A pesquisa foi realizada nas cinco regiões do Brasil e seus relatórios focados em três temas centrais: 1) Expectativas sobre a inserção de Jovens Negros e Negras do Ensino Médio no Mercado de Trabalho; 2) Educação Formal e Informal nas Comunidades Negras Rurais e, por último e que mais chama-nos atenção, 3) Afro-brasileiros e Religiosidade no Ensino Médio. Não vamos nos deter nos pormenores da pesquisa que mapeou 45 escolas de todo o país, sistematizou dados quantitativos e qualitativos que resultaram no total de cinco trabalhos por linha que totalizaram quinze textos²⁴. A última linha de pesquisa congregou “as análises realizadas sobre o significado dos universos religiosos de matrizes africanas no Brasil e sua relação com os(as) estudantes do ensino médio”²⁵. Os relatórios finais dos cinco trabalhos que revelaram uma valorização das religiões hebraica, cristã e islâmica em detrimento das religiões afro-brasileiras. As coordenadoras da pesquisa destacaram o principal motivo da assimetria no processo de aprendizagem no que tange as religiões de origem hebraica, cristã e islâmica em razão dessas serem pesquisadas e ensinadas em “consonância com seus respectivos

quilombola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

²⁴As organizadoras da pesquisa: Maria Lúcia de Santana Braga é socióloga e doutora em sociologia pela Universidade de Brasília (UNB). Professora do Instituto de Educação Superior de Brasília (Iesb). Edileuza Penha Souza doutora em educação em Educação e Contemporaneidade e consultora da Unesco na Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade SECAD/MEC. Ana Flávia Magalhães Pinto doutora em História Cultural pela Universidade de Bras. BRAGA, M L de S, SOUZA, E P, PINTO, A F M (Org). *Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006, p. 9.

²⁵ BRAGA, M L de S, SOUZA, E P, PINTO, A F M. Op. Cit., 2006, p. 14.

complexos civilizatórios”; já as religiões de matrizes afro-brasileiras “são pesquisadas/ensinadas desligadas de seu legado civilizatório”²⁶.

Racismo e Intolerância Religiosa

Os resultados apresentados pela pesquisa revelam de forma pessimista um quadro desfavorável aos elementos das religiões afro-brasileiras por parte da comunidade escolar, com dados que foram recolhidos entre professores, alunos e funcionários. A coleta realizada no Estado de Alagoas por Rachel Rocha de Almeida Barros e Bruno César Cavalcanti²⁷ descreveu que as situações pessimistas já ocorriam desde 1695 com o Quilombo de Palmares na Serra da Barriga sendo destruído pela coroa portuguesa, a um outro episódio ocorrido no século XX em 1912, que resultou na ação coletiva nos terreiros de Maceió, também conhecida como “quebra-quebra”, e que foi objeto de tese do antropólogo Ulisses Neves Rafael com o título *Xangô rezado baixo: perseguição aos terreiros afro-brasileiros de Maceió* (2004), em que os “templos foram invadidos, os pais e mães-de-santo espancados, as imagens, os objetos e os paramentos rituais foram arrancados dos *pejis* e lançados na rua, onde o povo fez uma grande pilha e ateou fogo”²⁸.

O relatório descreve duas situações ocorridas na Serra da Barriga, no município de União dos Palmares, que ilustram o quanto de despreparo há em relação às temáticas de cultura negra no Brasil. Os fatos ocorreram nas comemorações do Dia da Consciência (20 de novembro) em 1984 e 2004. Na primeira data os moradores de União de Palmares, diante de vários convidados de diferentes estados em virtudes da comemoração dos vinte anos do tombamento da Serra da Barriga, as escolas prepararam um desfile para recepcionar os convidados e a data em questão. Para representar os escravizados, os alunos foram pintados e “lambuzados” de carvão, o que gerou

²⁶ *Ibidem*, p. 14.

²⁷ Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de Almeida Barros são professores de Antropologia e pesquisadores do Laboratório da Cidade e do Contemporâneo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). BARROS, A. R. R; CAVALCANTI, C. B. Os afro-brasileiros e o espaço escolar – por uma pedagogia do lúdico informal. In BRAGA, M L de S, SOUZA, E P, PINTO, A F M (Org). *Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006, p. 161-162.

²⁸ *Ibidem*, 2006, p. 167-168.

Correlações de forças: da confrontação a uma ruptura emancipatória

constrangimentos entre os convidados e protesto dirigidos aos alunos por parte dos convidados; em resposta, “os comerciantes fecharam seus estabelecimentos, alunos se dispersaram e os convidados, revoltados, voltaram para casa”²⁹.

Vinte anos depois do ocorrido os pesquisadores, que estavam na cidade para realizar a pesquisa em questão, entrevistaram professores que à época participaram do desfile como alunos e segundo o relato desse professor que outrora era aluno não se pinta mais as crianças com carvão para o desfile; ele esclarece que “agora os organizadores do desfile passam de sala em sala convocando os mais escurinhos...revelou”³⁰. Os pesquisadores no relatório afirmam que no desfile de 2004 foi percebido que a mentalidade e os estereótipos continuavam da mesma forma, como descrevem Barros e Cavalcanti³¹:

De fato, no desfile em homenagem ao Dia Nacional da Consciência Negra, em 2004, as escolas de União dos Palmares colocaram nas ruas centenas de estudantes, e o mote do desfile foi, como não poderia deixar de ser, o quilombo, a luta de Zumbi, a liberdade dos negros escravizados. Entretanto, no lugar de crianças “disfarçadas” pelo uso do carvão, os estudantes simplesmente desfilaram sem pintarem os corpos. No desenrolar do desfile, percebemos que as referências afro-brasileiras se encontravam associadas a uma série de estereótipos, quando buscavam representá-las. Assim, o desfile de 2004 em União dos Palmares ofereceu aos presentes uma imagem de África selvagem, com estudantes vestidos de guerreiros ou caçadores, portanto penas coloridas e roupas minúsculas (tanga etc.) imitando peles de animais, com lanças enormes nas mãos. Um outro bloco de alunos trouxe representações de orixás africanos; num terceiro bloco, surgiram crianças de torsos nus, munidas de peneiras, entre outros apetrechos.

O relatório da pesquisa realizada por Olga Cabrera, *As representações sobre as religiões afro-brasileiras no Ensino Médio*, em Goiânia e Aparecida de Goiânia (GO)³², também revela um quadro de assimetria entre as religiões de matrizes africanas e a judaico-cristãs e o predomínio da cultura ocidental nos currículos das escolas das manifestações do sistema religioso judaico-cristão. Sendo esses estudos contextualizados com exclusividade em quase todo o Ensino Fundamental, o Ensino

²⁹ BARROS, A. R. R; CAVALCANTI, C. B. Op. Cit., 2006, p. 167 – 168.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ *Ibidem*.

³² Olga Cabrera é professora titular de Teoria do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás. CABRERA, O. As representações sobre as religiões afro-brasileira no ensino médio – Goiânia e Aparecida de Goiânia. In BRAGA, M L de S, SOUZA, E P, PINTO, A F M (Org). *Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

Correlações de forças: da confrontação a uma ruptura emancipatória

Médio e o Universitário das histórias antiga, medieval, moderna e contemporânea europeia³³. A pesquisadora salienta no seu relatório que em Goiás “há um vazio na temática sobre as culturas negras”³⁴. As religiões afro-brasileiras enfrentam invisibilidade, deformação nas fontes e predomínio de preconceitos sobre a temática; mesmo após a Lei 10.639 de 2003 não se conseguiu evitar “a marginalização das culturas negras e o desrespeito à diversidade, em Goiânia, e especialmente nas escolas de Ensino Médio e público”³⁵. A pesquisa revela que a discriminação religiosa e cultural é acompanhada da demonização e estereótipos de selvagem tribal e atrasada quanto se refere às religiões afros. Isso está estigmatizado nas práticas religiosas negras em ambas as cidades citadas. A pesquisadora Olga Cabrera revela que no ambiente escolar, essa situação não é nada animadora, como descreve a citação abaixo:

No ambiente das escolas a situação não é melhor. Ainda que os currículos, nos últimos anos, reivindicuem o respeito às diferenças, esse objetivo democrático vem sendo obstaculizado tanto pela falta de preparação dos professores no tema das culturas negras quanto pela penetração de algumas igrejas evangélicas dentro das próprias escolas, cuja campanha contra as manifestações da religião negra não se mascara. As representações negativas dos estudantes sobre as religiões são similares em ambas as cidades, segundo revelaram as análises dos dados dos questionários aplicados e das entrevistas utilizadas entre os estudantes nas escolas selecionadas. Da amostra de 232 estudantes, 52 responderam os questionários mencionando alguma entidade das religiões negras, mas as respostas apresentam inúmeras confusões. A maior parte dos entrevistados referiu que sua fonte de conhecimento sobre alguns aspectos das religiões negras eram as telenovelas, o que ouviu falar, os noticiários etc. Acerca do conhecimento das práticas das religiões negras, apenas 54 aceitaram responder, ainda que, dentre eles, quatro tenham afirmado: um conhecer, mas não se lembrar das práticas; outro não quis conhecer porque não acreditava; outro, não se lembra e, por último, outro ouviu falar, mas não soube mencionar nenhuma prática³⁶.

Os outros dados, informações e mapeamento que a pesquisa salienta a respeito dos bairros tanto de Goiânia e de Aparecida de Goiânia, apresentam distorções que corroboram e coincidem com o trecho acima selecionado e com a conclusão e análise reflexiva que Cabrera realiza sobre a diversidade cultural e religiosa no que tange aos conteúdos curriculares e suas práticas e “o discurso que entende a diversidade apenas

³³ CABRERA, O. Op. Cit. 2006, p. 179.

³⁴ *Ibidem*, p. 180.

³⁵ *Ibidem*, p. 182.

³⁶ *Ibidem*, p.188-189.

pela cor da pele e reduz as expressões culturais a cultos feiticeiros, mágicos, malignos³⁷.

Outra análise, *Matrizes religiosas afro-brasileiras e educação*, foi realizada por Julvan Moreira de Oliveira em escolas públicas do estado de São Paulo localizadas na região leste da capital paulista. Com uso de entrevistas qualitativas e quantitativas o autor revelou o perfil dos alunos presentes na rede de ensino e os seus conhecimentos sobre as religiões afro-brasileiras, em específico a umbanda e o candomblé³⁸. A pesquisa abrangeu conversas com professores, direção e coordenação pedagógica. O pesquisador revelou de forma explícita a dificuldade que as escolas têm de lidar com as temáticas envolvem as relações raciais e principalmente as religiões afro-brasileiras³⁹.

Em convergência com as outras pesquisas, o autor registra que apesar dos avanços da escola em relação as propostas das diretrizes normatizadas a partir da Lei nº 10.639 de 2003, esta não se concretiza no cotidiano. Isso se revela nas situações de constrangimento que os alunos iniciados nas religiões afro-brasileiras sofrem, tendo que omitir sua condição com temor de represálias e discriminação⁴⁰. Isso num contexto em que há um número considerável de jovens adeptos dessas denominações religiosas na região leste da cidade de São Paulo. Isso leva o pesquisador a defender a necessidade de formação de professores que criem propostas pedagógicas que valorizem as experiências culturais desses iniciados.

Na região sul, especificamente em Porto Alegre, o pesquisador Gilberto Ferreira da Silva⁴¹ relatou no seu artigo *Expressões de religiosidade de matriz africana no ensino médio: um estudo em escolas públicas no contexto de Porto Alegre* que a presença da temática sobre relações raciais no âmbito acadêmico se deve à insistência do movimento negro brasileiro. Não muito diferente das outras pesquisas, o pesquisador relata que os termos mais recorrentes encontrados no cotidiano escolar entre os alunos e educadores são: feitiçaria, macumba, trabalho, despacho; quando se refere às

³⁷ CABRERA, O. Op. Cit. 2006, p.191.

³⁸ OLIVEIRA, M, J. Matrizes religiosas afro-brasileiras e educação. In BRAGA, M L de S, SOUZA, E P, PINTO, A F M (Org). *Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006, p. 208.

³⁹ *Ibidem*, p. 228.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 229.

⁴¹ Gilberto Ferreira da Silva é doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor do curso de Pedagogia e Pesquisador Centro Universitário La Salle/ Canoas.

Correlações de forças: da confrontação a uma ruptura emancipatória

manifestações de matriz africana. Sendo que no Estado do Rio Grande do Sul três vertentes mais presentes são: a umbanda “branca”, o batuque e umbanda cruzada ou linha cruzada⁴². O pesquisador Gilberto Ferreira da Silva⁴³ destaca que uma das questões centrais da pesquisa foi conhecer e sistematizar práticas educativas realizadas nas escolas da região metropolitana de Porto Alegre. Descreve o autor:

No que diz respeito às manifestações e percepções da religiosidade de matriz africana, elaboradas por estudantes afros decentes no território escolar. Das três escolas investigadas, somente uma apresentou objetivamente um projeto de trabalho, ainda em construção, porém intencionalmente assumido pela direção da escola. Isso demonstra o quanto ainda é preciso avançar para que possa subsidiar as iniciativas de educadores que queiram contemplar as questões ligadas à cultura afro-brasileira e aos aspectos da religiosidade de matriz africana em seus fazeres pedagógicos.

Estes dados expressam o fenômeno da intolerância com as religiões afro, revelando o retrato do racismo cultural, presente desde o tempo da colonização, com práticas que objetivam apagar elementos que ajudaram na construção de nossa sociedade.

O que os relatórios descrevem, talvez não seja novidade, apesar de comprovar empiricamente por meio de um documento oficial o que se tem percebido no trabalho da temática das relações raciais. Quando isso é feito de forma momentânea, cujo intuito é preencher uma data comemorativa, seja da agenda curricular ou da imposição de um órgão hierárquico na estrutura pública, tornam-se visíveis os absurdos que desde imagens estereotipadas como a da citação que descreveu crianças vestidas de orixás para representar entidades que elas nem mesmo sabem os nomes e significados.

Conclusão

Uma ideia de negritude distanciada das referências cotidianas - talvez isso seja uma das principais consequências, não somente no trato da disciplina de Ensino

⁴² SILVA, F. G. Expressões de religiosidade de matriz africana no ensino médio: um estudo em escolas públicas no contexto de Porto alegre (RS). In: BRAGA, M L de S, SOUZA, E P, PINTO, A F M (Org). *Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006 OLIVEIRA, E. de. *Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*. Curitiba: Gráfica Popular, 2006, p. 241.

⁴³ *Ibidem*, p.253.

Religioso, mas de todas as disciplinas que deveriam contemplar na sua prática curricular em geral os artigos 26 A e 79 B da Lei 10.639 da Lei de Diretrizes de Bases. Os pesquisadores analisam a artificial presença africana no trato dessa temática entre nós⁴⁴. O presente estudo vai em certa medida ao encontro desses pesquisadores, mas com viés crítico e ideológico do que chamamos aqui de **acomodação**. Diante do confronto são permitidas algumas brechas que não caminham para uma emancipação da negritude.

Emancipação do aprisionamento e desumanização produzidos pelo colonialismo epistêmico, espiritual, político e social. Uma emancipação a partir da qual possamos libertar nossas mentes, visando construir uma sociedade mais democrática e principalmente antirracista.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, S. L. de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Ed. Pólen, 2019.

BASTIDE, Roger. Manifestações do preconceito de cor. In: BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. *Branços e Negros em São Paulo*. Ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. 3ª edição. São Paulo: Nacional, 1971[1955].

BARROS, A. R. R; CAVALCANTI, C. B. Os afro-brasileiros e o espaço escolar – por uma pedagogia do lúdico informal. In BRAGA, M L de S, SOUZA, E P, PINTO, A F M (Org). *Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

BRAGA, M L de S, SOUZA, E P, PINTO, A F M (Org). *Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

CAMPELO, M. M. Cultura, religiosidade afro-brasileira e educação forma no Pará – os valores culturais afro-brasileiro chegam às salas de aula? In BRAGA, M L de S, SOUZA, E P, PINTO, A F M (Org). *Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

CABRERA, O. As representações sobre as religiões afro-brasileira no ensino médio – Goiânia e Aparecida de Goiânia. In BRAGA, M L de S, SOUZA, E P, PINTO, A F M (Org). *Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

⁴⁴ BARROS, A. R. R; CAVALCANTI, C. B. Op. Cit. 2006, p. 166.

DA MATTA, R. Digressão: a fábula das três raças ou o problema do racismo à brasileira. In: DA MATA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 58-85.

FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MUNANGA, K. *Negritude: Usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MOORE, C. *A África que incomoda*. Sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro. 2. edição ampliada. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

NASCIMENTO, A. Quilombismo: na Afro-Brazilian political alternative. *Journal of Black Studies*, vol. XI, Issue. 2, dezembro, 1980.

OLIVEIRA, M, J. Matrizes religiosas afro-brasileiras e educação. In BRAGA, M L de S, SOUZA, E P, PINTO, A F M (Org). *Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

SILVA, P. V. B. *Relações Raciais em livros Didáticos de Língua Portuguesa*. 228 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

SILVA, F. G. Expressões de religiosidade de matriz africana no ensino médio: um estudo em escolas públicas no contexto de Porto alegre (RS). In BRAGA, M L de S, SOUZA, E P, PINTO, A F M (Org). *Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006 OLIVEIRA, E. de. *Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*. Curitiba: Gráfica Popular, 2006.

SILVA, P V. B; ROSEMBERG, F. Brasil: Lugares de negros e brancos na mídia. In: VAN DJJK, T. (org.). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008.

TELLES. E. *Racismo à brasileira: uma perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Delume Dumará, 2003.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e Cultura Moderna: Teoria Social na era dos Meios de Comunicação de Massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

Recebido em: Março de 2021

Aceito em: Julho de 2021